

Cinema e Economia: um diálogo entre a arte e as ciências

Filmonomics. Economists Discuss the Silver Screen de André de Palma and Luc Leruth (Eds.)
Routledge, 2025, 255 p., ISBN: 978-1-041-01347-1

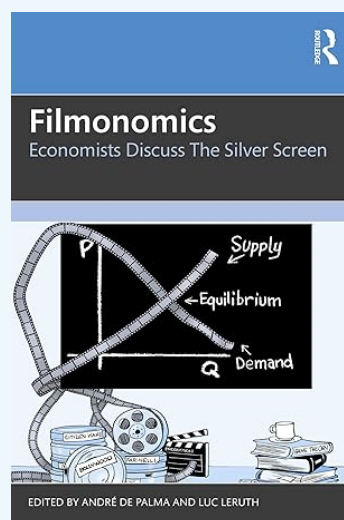
Maria Irene Aparício¹

Resumo: *Filmonomics. Economists Discuss the Silver Screen* (2025) é um livro fundamental para compreender as profundas relações que o cinema enquanto sétima arte pode estabelecer com a ciência, nomeadamente com o campo da economia, por via das narrativas.

Palavras-chave: Filmonomia; cinema; cinema e economia.

Abstract: *Filmonomics. Economists Discuss the Silver Screen* (2025) is a fundamental book for understanding the profound relationships that cinema as a seventh art can establish with science, notably with the field of economics, via narratives.

Keywords: Filmonomics; cinema; cinema and economy.



“Much like what happens in literature (and the many movies inspired by novels or short stories), films try to convey in a simplified manner the emotions and behaviours that exist in the real world. Simplifying reality is also a necessity in economic theory [...]. Just as economists must adjust to a structural break, movie directors must adapt their stories as society changes [...].” (André de Palma e Luc Leruth, 2025).

Filmonomics. Economists Discuss the Silver Screen (2025) é um livro, no mínimo, original.² Editado por dois autores que não podiam estar mais distanciados das temáticas habitualmente trabalhadas por académicos e especialistas na área do cinema – André de

¹ Maria Irene Aparício é Pós-Doutorada em Estudos Artísticos (FCT/UNL) e Doutorada em Cinema pela NOVA FCSH. É investigadora no CineLab – Laboratório de Cinema e Filosofia, onde Coordena o Grupo de investigação em “Cinema & Política: Aproximações Filosóficas”. É também Professora Auxiliar no Departamento de Ciências de Comunicação da NOVA FCSH e na Secção Autónoma de Estudos Artísticos.

² Na verdade, os próprios editores referem duas publicações focadas em temas similares: *The Economic Lives of Movie Superheroes* (O’Roark and Salkowitz, 2018) e *Gender Roles & Occupations: A Look at Character Attributes and Job-Related Aspirations in Film and Television* (Smith et al., 2013). Mas, do meu ponto de vista, estas são ainda bastante escassas, em comparação com outros a análise de outros temas contemporâneos.

Palma³ é formado em Física; Luc Leruth⁴ tem formação em Matemática e em Economia – este é, no entanto, um volume pertinente e transdisciplinar que entrelaça as artes e as ciências num diálogo muito profícuo e desafiante. O livro reúne cerca de vinte ensaios sobre filmes de diferentes épocas e proveniências, relativamente conhecidos por um público mais - ou menos - cinéfilo. Ocasionalmente surgem, também, algumas referências à literatura, no caso das adaptações cinematográficas, e à música enquanto elemento catalizador de emoções, em paralelo com as imagens e as narrativas.

Na introdução da obra, De Palma e Leruth são muito claros quanto ao objectivo principal: “Esforçámo-nos para que o livro seja de fácil leitura; nem demasiado técnico, nem muito condescendente, e esperamos que fortaleça os laços interdisciplinares existentes entre a economia e os estudos cinematográficos.” (p. xix)⁵. É também surpreendente a afirmação dos editores de que o livro, enquanto estudo, “*poderá contribuir para o avanço da economia*”⁶ (p. xix), na medida em que as personagens dos filmes analisados podem revelar comportamentos diferentes daqueles que são normalmente tomados como modelo, na vida real. Sendo também colocada a hipótese inversa, para o próprio cinema; isto é, talvez os modelos económicos possam ajudar os realizadores a intensificar o realismo das suas personagens. Os editores destacam, desde logo, a ausência (intencional) de uma abordagem do cinema enquanto indústria do entretenimento, embora reconheçam os sistemas de Hollywood, Bollywood e Nollywood como “centros económicos” que movimentam biliões de dólares. Sublinham, igualmente, a intenção de não limitar o foco a cinematografias que analisam e criticam o(s) sistema(s) económico(s), como é o caso de filmes como *American Psycho*

³ **André de Palma** é doutorado em Física (sob a orientação de I. Prigogine, Prémio Nobel) pela Universidade Livre de Bruxelas e doutorado em Economia pela Universidade da Borgonha. Lecionou nas seguintes instituições: Queen’s University, Canadá; Northwestern University, EUA; Universidade de Genebra, Suíça; e Ecole Normale Supérieure (ENS) Paris Saclay, França. É membro honorário do Institut Universitaire de France e da Association française d’économie des transports. É membro fundador da associação internacional de Economia dos Transportes. Atualmente é professor emérito da Universidade CY Cergy-Paris e investigador visitante nas universidades de Estrasburgo e Laval, no Canadá, e instrutor na École Polytechnique Fédérale de Lausanne (EPFL), na Suíça. É especialista em economia de transportes, economia comportamental, organização industrial e risco. Publicou também fora do campo da economia, incluindo ‘*L’addiction rationnelle dans une nouvelle de Stefan Zweig*’ e ‘*Ode à l’erreur*’, em 2021 (*Quand la littérature nous est contée, La lettre volée*, Edition de l’Université Libre de Bruxelles).

⁴ **Luc Leruth** é investigador associado na Universidade de Clermont-Auvergne, França. Possui mestrado em Matemática e mestrado e doutoramento em Economia. Foi membro da equipa do Fundo Monetário Internacional (FMI), liderou missões em vários países, foi chefe da Unidade de Transparência Fiscal, secretário do G10 e diretor de três Centros Regionais de Assistência Técnica. Seguiu também uma carreira académica, ocupando cargos de professor na Universidade Livre de Bruxelas, na Universidade de Liège e na Universidade de Essex. Foi membro do Centro de Investigação Operacional e Econometria (CORE) e publicou vários artigos em revistas com revisão por pares. Seguiu também carreira literária. O seu primeiro romance, *La 4ème Note*, foi publicado em 2001, traduzido para português e russo. Foi o primeiro romance mais vendido pela Gallimard em 2001 e finalista do prémio bienal Príncipe do Mónaco para “Melhor Jovem Autor”. O seu segundo romance, *La Machine Magique*, foi publicado pela Gallimard (2004). Em colaboração com Jean Drèze, é o autor de *Rumble in a Village* (2020). A sua primeira peça, *Le Daguerréotypiste malgré lui*, foi publicada em 2022.

⁵ Todas as traduções são minhas.

⁶ Sublinhado meu.

(Mary Harron, 2000), *They Live* (John Carpenter, 1988), *The Big Short* (Adam McKay, 2015) ou *Capitalism: A Love Story* (Michael Moore, 2009). Do ponto de vista da sua estrutura, o livro está organizado em seis secções, cada uma delas dedicada a uma temática específica, por esta ordem: “Dinheiro e Felicidade”; “Transferências intergeracionais e assuntos familiares”; “Mulheres na Sociedade”; “Adaptação às mudanças sociais”; “Individualismo, cooperação e outros padrões comportamentais” e “Prémio Jovem Autor”.

“*Money and Happiness*” é o tema da primeira secção dedicada à análise de cinco filmes: *Citizen Kane* (Orson Welles, USA, 1941), *Wall Street* (Oliver Stone, USA, 1987), *Farinelli, Il Castrato* (Gérard Corbiau, Itália/Bélgica/França, 1994), *Des Hommes et des Dieux* (Xavier Beauvois, França, 2010) e *Crazy Rich Asians* (Jon M. Chu, USA/Singapura 2018). As reflexões têm em comum a asserção de que a relação que os indivíduos mantêm com o dinheiro é complexa e multifacetada, ao contrário da evidência tendencialmente associada à ideia de sobrevivência e aquisição de bens. O que os filmes revelam é que, em causa estão, na verdade, muitos outros valores relativos aos modos de vida de uma humanidade em constante transformação.

Neste sentido, os autores do ensaio “*Citizen Kane: The evils of industrial concentration*”, Kate Rockett e Pierre Régibeau, estabelecem um paralelismo entre a história do filme e as narrativas contemporâneas da vida real, marcando assim a importância do cinema na compreensão do nosso próprio tempo. Como se sabe, do ponto de vista do *plot*, *Citizen Kane* conta a história de uma personagem inspirada na vida real⁷, numa década e em contexto social ainda muito marcado pela Grande Depressão (1929-1939), destacando formas de monopolização e exercício do poder a nível político e económico, e as respectivas consequências face às fragilidades humanas e vicissitudes da vida. E, apesar de relativamente datado, os autores consideram que há “elementos da história que tocam as nossas vidas económicas e políticas [que] soam verdadeiros hoje, num mundo de gigantes digitais. [...] É até interessante verificar que a circulação máxima dos jornais de Hearst nos EUA não esteve muito longe da actual quota de mercado da NewsCorp, o império mediático construído por Rupert Murdoch”⁸ (p. 14). Embora a visão negativa da monopolização não se tenha mantido sempre, tal como retratada no filme⁹, Rockett e Régibeau convocam histórias contemporâneas similares,

⁷ William Randolph Hearst (1863-1951), líder da *Hearst Communications*, cujos media associados ficaram conhecidos pelo chamado “yellow journalism”, em contínua transgressão da ética, e em proveito de estratégias sensacionistas mascaradas pelos supostos valores de histórias mais humanas.

⁸ Keith Rupert Murdoch, magnata Australiano, é proprietário de várias empresas internacionais, nomeadamente, *The Sun* e *The Times* (UK); *The Daily Telegraph*, *Herald Sun*, e *The Australian* (Australia); *The Wall Street Journal* e *New York Post* (USA); da Editora *Harper Collins*; e dos canais de televisão *Sky News Australia* e *Fox News*. Foi também proprietário da *Sky* (até 2018), *21st Century Fox* (até 2019), e da *News of the World*, mais recentemente.

⁹ Os autores referem o livro do juiz Robert Bork, *The Antitrust Paradox* (1978), que questiona e estabelece as circunstâncias em que a concentração de meios de produção deveria ser condenada. Bork defende que “o bem-estar do consumidor é o objectivo do “antitrust”, sugerindo essencialmente que, se o bem-estar do consumidor não for prejudicado, então a estrutura da indústria e, portanto, a monopolização, não são uma preocupação.” (p. 7)

no que diz respeito à questão da concentração de riqueza e empoderamento político por via do dinheiro. Elon Musk e Jeff Bezos, por exemplo, são duas personalidades que espelham valores e comportamentos semelhantes: “Musk, dono da plataforma Twitter [...], controla uma fonte de notícias e comentários para mais de 350 milhões de utilizadores em todo o mundo [...]; Jeff Bezos, tendo feito fortuna como fundador e director executivo da plataforma Amazon, comprou, em 2013, meios de comunicação então com dificuldades financeiras, *Washington Post*, *El Tiempo*, *Washington Gazette* e o jornal de distribuição gratuita *Express*” (p. 4), obviamente com intenções políticas, dada a relevância da informação do designado “English-speaking world” (p.4). De resto, à pergunta “*O que é que é que [Citizen] Kane nos mostra sobre as características especiais dos mercados dos media?*” (p. 9), os autores respondem com a poeira do tempo; não parece haver nada de errado na perspectiva do filme, uma vez que este “retrata as suas [da personagem] mudanças como uma mera resposta ao que era claramente popular entre os leitores da época, com a circulação a crescer em resposta a essas mudanças.” (p. 10). Rockett e Régibeau afirmam que “os economistas há muito que consideram a actividade política como uma forma de competição num “mercado político” onde os votos são trocados por políticas. [...] [E] na época de Kane, os jornais eram um instrumento importante nas campanhas políticas” (pp. 10, 12). Neste sentido, o filme permite compreender que há ligações entre os “mercados dos média” e os “mercados políticos” e os autores concluem mesmo que “as questões que o filme [...] levanta aos economistas e decisores políticos, são tão válidas hoje como quando o filme foi realizado.” (p. 14)

Os ensaios seguintes desta secção reflectem sobre questões igualmente pertinentes na contemporaneidade, com destaque para os problemas de maximização do valor baseado no capital humano, questão bem no centro da dinâmica do capitalismo, mas com antecedentes históricos menos evidentes. Luc Renneberg estabelece a oposição entre os valores éticos dos protagonistas dos filmes *Wall Street* - onde a avidez é vista de forma positiva -, e *Des Hommes et des Dieux*, pautado pelo altruísmo e o bem-estar da comunidade. A conclusão do autor é de que a valorização dos “ganhos de curto prazo em *Wall Street* contrasta com a necessidade de práticas económicas responsáveis e sustentáveis [em *Des Hommes...*] que considerem as consequências a longo prazo e o bem-estar social” (p. 26).

Já em “*Farinelli and the reasons for the rise and fall of castrati*”, Victor Ginsburgh e Luc Leruth centram a respectiva análise do filme no modo como a trajectória individual e algo ambígua de um soprano “*castrato*”¹⁰, subsidiária da arte maior da ópera, reflecte, na verdade as condições históricas, sociais e económicas dos séculos XVII e XVIII, na Europa. Dito pelos próprios autores: “mostrámos que a ascensão e queda dos *castrati* reflectiam também as condições económicas e os incentivos financeiros. Para

¹⁰ Remontando aos séculos XVII e XVIII em Itália, os “castrati” eram cantores de ópera do sexo masculino, cuja castração na puberdade tinha como objectivo a suspensão da transformação da voz, para manterem os timbres vocais muito próximos das vozes femininas, designadas por soprano, mezzo-soprano ou contralto. Farinelli (1705-1782) narra a história de Carlo Broschi, o célebre cantor de ópera italiano, soprano *castrato*.

maximizar o número de candidatos às vagas no coro, a igreja oferecia um pacote mínimo garantido de alimentação, educação e alojamento. Isto era suficiente para convencer os agricultores pobres a sacrificar a infância dos seus filhos.” (p. 37). A simples relação entre os gostos musicais da época e a dimensão económica que subjaz ao florescimento da ópera traduz bem a relação complexa, e por vezes subliminar, que entrelaça a arte e as ciências e humanidades; com a economia, a história e a música a determinarem a simples existência de um ser humano, neste caso.

No último ensaio da secção, “Two tales of *Crazy Rich Asians*. Cooperation and inequality”, Jessie P.H. Poon e Yuchong Han destacam que “o momento mais interessante do filme [supramencionado] é a cena do *mahjong*, que acaba por se tornar um momento de aprendizagem sobre economia.” (p. 50) Ao concentrar a atenção do público num jogo muito popular entre milhares de pessoas no mundo, o filme permite compreender, também, as relações humanas em situações muito diferentes; de conflito, cooperação e até amorosas, ao mesmo tempo que retrata a condição existencial da classe média nos países asiáticos. Os autores consideram, por isso, que o filme não é apenas uma lição sobre a Teoria dos Jogos¹¹, mas constitui um diagnóstico das consequências da desigualdade da riqueza nos países asiáticos.

Na segunda secção é trabalhado o tema “*Intergenerational transfers and family affairs*”, a partir dos filmes *Trading Places* (John Landis, USA, 1983) e *The Ballad of Narayama* (Japonês: 檀山節考, Keisuke Kinoshita, Japão, 1958). A propósito do primeiro, Alain Trannoy desenvolve o ensaio “*Trading Places: Luck and equality of opportunity*”, no qual defende a ideia de que o mérito não explica tudo, nos comportamentos humanos considerados “bem-sucedidos”. Poderíamos, talvez, ir um pouco mais longe e estabelecer um paralelo com o muito actual e controverso modelo da meritocracia que, se por um lado é considerado como um princípio de justiça (ainda que

¹¹ As primeiras ideias matemáticas, formuladas por von Neumann, sobre a Teoria dos Jogos, remontam a 1928 com o “minimax theorem”, posteriormente aplicado à economia, e explicado em *Theory of Games and Economic Behaviour* (1944), livro escrito por John von Neumann (1903-1957) em co-autoria com Oskar Morgenstern (1902-1977). No capítulo II desta obra, os autores descrevem o “conceito simplificado de jogo” (p. 48), prevenindo, de certo modo, a dificuldade decorrente do seu uso na “linguagem quotidiana [que] é altamente ambíguo” (p. 48). Segundo os autores, em primeiro lugar “é preciso distinguir entre o conceito abstrato de um jogo, e as jogadas individuais desse jogo. O jogo é simplesmente a totalidade das regras que o descrevem. Cada caso em particular, em que o jogo é jogado - de uma maneira específica - do começo ao fim, é uma *jogada*. [...] Segundo, a distinção correspondente deve ser feita para os movimentos, que são os elementos que compõem o jogo. Um movimento é o momento da escolha entre várias alternativas, a ser feita por um dos jogadores, ou por algum dispositivo sujeito ao acaso, em condições precisas prescritas pelas regras do jogo. A *mudança* [o movimento] não é mais do que essa “ocasião” abstracta, atendendo à descrição, - isto é, uma componente do *jogo*. A alternativa específica escolhida numa instância concreta - ou seja numa *jogada* concreta - é a *escolha*. (pp. 48, 49). Mais à frente, os autores aprimoram o conceito no sub-capítulo “The Complete Concept of a Game” com uma teorização matemática detalhada e complexa, seguida de uma declaração: “O ponto mais importante, no entanto, é este. Na prossecução dos objetivos que nos definimos, devemos ter a certeza de ter esgotado todas as possibilidades combinatórias em conexão com a interação de várias decisões dos jogadores, mudança de estado da informação, etc. Estes são problemas, que foram extensivamente trabalhados na literatura sobre economia.”. (p. 58). Para um aprofundamento teórico destas questões ver: John von Neumann and Oskar Morgenstern *Theory of Games and Economic Behaviour* (1944), Princeton University Press, 1953.

totalmente utópico), na verdade funciona mais, nas sociedades contemporâneas, como um instrumento ideológico que alimenta, alavanca e cauciona um sistema político e social profundamente desigual. Trannoy é muito claro ao afirmar que o filme de Landis não é uma sátira da sociedade Americana, porque o protagonista “enriquece através de um processo questionável [mas] não criticado. O seu sucesso não é o resultado de um esforço dispendioso, mas do talento para enganar os outros, do talento para jogar póquer [...]” (p. 67) Concluindo que, na crítica subliminar, “o riso e a emoção são mais poderosos do que uma análise [económica] cuidada. A economia é algo demasiado sério para ser deixado apenas nas mãos de economistas maçadores!” (p. 67).

Já em “*Narayama, a spaceship*”, Pierre Pestieau e Marianne David centram-se no problema ecológico profundo plasmado na narrativa do filme, e relacionado com a escassez de alimento, face à delapidação dos recursos naturais da Terra, que não são infinitos. *The Ballad of Narayama* é baseado numa lenda¹² cuja acção se desenrola numa aldeia onde se torna necessário o controle contínuo da população por questões de sobrevivência. A lenda veicula a tradição de banir os septuagenários, que são levados pelos primogénitos até ao topo do Monte Narayama, onde são deixados à sua sorte, numa acção designada por *ubasute praxis*.

A mensagem subliminar confronta o espectador comum com questões geracionais de sobrevivência das sociedades e respectiva gestão de recursos, tendo como referência a sociedade japonesa (o filme é japonês) que possui um dos índices de fertilidade mais baixos em contraposição com índices altos de longevidade. O que a narrativa revela é, na verdade, um paradoxo e uma solução perversa para questões contraditórias; a ciência procura salvar e prolongar a vida, mas não consegue resolver o claro problema económico da falência do sistema de pensões. É ainda a partir do cinema que Pestieau e David concluem que “é importante distinguir entre o problema do financiamento das pensões, que pode ser resolvido sem atingir extremos, e o das sociedades primitivas, onde os recursos são limitados [...], questões [que] estão reflectidas em *A Balada de Narayama*” (p. 74), alertando para a necessidade de uma reforma radical no sistema de protecção social, que não ponha em causa o bem-estar e o direito à vida das populações mais envelhecidas.

A secção três, dedicada ao tema “Women in society” acolhe reflexões sobre os filmes *Cléo from 5 to 7* (Agnès Varda, França/Itália, 1962), *Mirch Masala* (*Hot Spice*, Ketan Mehta, Índia, 1987), e *Difret* (Amharic: ድፍረት, lit. 'Courage', Zeresenay Berhane Mehari, Etiópia, 2014). Em “*Cléo from 5 to 7*. Existential well-being or economic utility?”, Rebecca Powers afirma convictamente que não estamos perante uma narrativa romantizada. Pelo contrário, “ambos os caminhos racionais para o bem-estar económico disponíveis para a heroína do filme (seja através do casamento ou através de uma

¹² De resto, a lenda voltaria a ser adaptada ao cinema em 1983, a partir do livro do mesmo nome *Narayama bushikō* (1956) de Shichirō Fukazawa (1914-1987), desta vez por Shōhei Imamura (1926-2006): *The Ballad of Narayama* (檣山節考, Narayama Bushikō, Japão, 1983), inspirado pelo filme de Kinoshita, tendo obtido a Palma de Ouro em Cannes, justamente nesse ano.

carreira de sucesso como cantora pop) estão em conflito com o seu bem-estar psicológico” (p. 86); Cléo, a personagem feminina do filme, escolhe, na verdade, o pior investimento para si própria, o que leva Powers a concluir que tanto a tensão como o conflito entre a “maximização da utilidade económica e o bem-estar psicológico” (p. 86) são inerentes à experiência na vida quotidiana e implodem, também, frequentemente, nas obras de ficção: “por vezes, simplesmente ficamos felizes por ser irracionais, e por vezes a racionalidade deixa-nos tristes” (p. 86). Do meu ponto de vista esta é uma clara indicação de como arte e vida se imbricam sem remissão.

Em “The power of women’s collective action, *Mirch Masala* and *Manthan* challenge orthodox economic theory and local authority”, Bina Agarwal, Economista Indiana, inicia o texto com a seguinte afirmação: “A teoria económica convencional falha muitas vezes em captar as experiências da vida real, tanto na sua complexidade como no seu poder de inovação. Espera-se que os filmes baseados em temas sociais reflectam a realidade. No entanto, os filmes também são limitados pelo período em que são realizados e pela lente subjetiva do cineasta. Portanto, tanto a economia convencional como os filmes precisam de ser testados com base na investigação empírica rigorosa.” (p. 88) Talvez esteja aqui, precisamente, essa possibilidade de reciprocidade entre a ciência (a economia) e a arte (o cinema)... Agarwal foca-se nos comportamentos femininos relativamente às questões de cooperação e acção colectiva, evidenciando as diferenças entre os dois filmes mencionados: destacando, em *Mirch Masala* (1986), a resistência ao poder – patriarcal, feudal e estatal e, em *Manthan* (1976), as vantagens da cooperação numa comunidade rural muito estratificada. Agarwal conclui que a “teoria da acção coletiva, tal como formulada pela teoria económica ortodoxa, não fornece as ferramentas para compreender as diversas formas de acção coletiva observadas no terreno” (p. 96). E é justamente aí que filmes como *Mirch Masala* e *Manthan*, baseados na vida quotidiana, podem ajudar a compreender a realidade.

“*Difret*: Learning from a story of child marriage” é uma reflexão colectiva de quatro autores – Martina Menon, Federico Perali, Nathalie Picard e Veronica Polin – em torno do filme etíope *Difret* (2014). A narrativa cinematográfica evidencia as diferenças culturais enformadas por questões económicas, e dá substância a um dos subtítulos em forma de pergunta: “Casamentos infantis: cultura ou economia?”. Os autores citam frequentemente, e com rigor, os relatórios internacionais a propósito deste tema, revelando que “Segundo a UNICEF (2017), na Etiópia, 1 em cada 3 noivas-crianças são casadas com homens pelo menos 10 anos mais velhos.” (p. 107) e consideram que “a prática do casamento infantil tem as suas raízes tanto em factores económicos como culturais.” (p. 108), sendo que o filme enfatiza a influência dos factores culturais. Na conclusão, os autores vão um pouco mais além, e enquadram o problema no âmbito legal, ao considerarem que o casamento infantil é uma clara violação dos direitos humanos, mas destacam também a potencialidade do filme para mostrar dimensões sócio-culturais e económicas como a desigualdade de género,

reconhecendo ao cinema a capacidade de acompanhar e antever os caminhos de uma transformação social em prol da igualdade e justiça social.

E é, depois, em torno das questões da mudança que se centram os ensaios da secção quatro, sob o título “Adapting to social changes”. Aqui, são analisados filmes consagrados: *The Last Samurai* (Edward Zwick, USA, 2003) *A Clockwork Orange* (Stanley Kubrick, UK / USA, 1971) e *The Purple Rose of Cairo* (Woody Allen, USA, 1985). Estes filmes “ilustram, sob diferentes perspectivas, o desejo de abraçar ou resistir à mudança social” (p. 117). Em “*The Last Samurai* and the struggle for the heart of a discipline”, Claude Diebolt e Michael Hauptert centram-se sobre os dilemas de uma história económica pautada por mudanças que confrontam tradição e modernidade; o samurai e o guerreiro moderno têm a mesma profissão, mas com desempenhos e aproximações divergentes que desencadeiam os conflitos. A análise do filme é ainda um pretexto para explorar a evolução da história económica como disciplina, sendo que “a história económica não é apenas sobre o passado” (p. 122) mas ilumina o presente. “A história económica, como o próprio nome sugere, é uma mistura de ambas as disciplinas. A economia evoluiu mais nas margens da teoria formal, da estatística e das técnicas econométricas. Mas a história é ainda uma parte necessária da história económica. O contexto histórico é indispensável para uma boa história económica. [...] Tal como os samurais e a sua luta com a tecnologia moderna, os velhos costumes estabelecidos [da história económica] confrontam a modernidade.” (p. 128). Também as análises dos filmes *A Clockwork Orange* e *The Purple Rose of Cairo*, respectivamente trabalhados por André de Palma e Nicolas Curien são exemplos de um cinema que explora “terrenos que mais tarde se tornaram o foco da economia comportamental” (p. 148), nomeadamente para compreender o papel da crença [e da confiança] nos processos de decisão, numa realidade em que as pessoas comuns – ao contrário das personagens de muitos filmes – não são naturalmente boas (*A Clockwork Orange*); uma realidade “onde as pessoas imaginárias são perseguidas e banidas, onde os sonhadores são maltratados, um lugar onde o exercício da liberdade e a protecção dos direitos naturais dificilmente encontram o seu caminho.” (p. 165). Compreender as possibilidades de adaptação à mudança social é um problema de filosofia política que o Matemático e Professor de Economia Francês, Nicolas Curien, encontra, – ainda que subliminarmente –, no filme de Woody Allen, na medida em que as personagens do filme “vivem” numa “micro-sociedade gravitando em torno de um pseudo-estado, RKO” (p. 165), onde a liberdade surge como principal tópico do filme, através dos comportamentos, escolhas e possibilidades das personagens. O autor conclui o artigo com um frase emblemática “*O filme A Rosa Púrpura do Cairo é uma história, uma fábula, cuja lição de moral é muito simples: fora da utopia, o princípio da realidade sobrepõe-se sempre a qualquer outro princípio!*” (p. 166)¹³

A secção cinco, focada no tema “Individualism, cooperation, and other behavioral patterns”, é aquela que reúne mais filmes, entre os quais: *Dr. Strangelove or: How I Learned to Stop Worrying and Love the Bomb* (Stanley Kubrick, USA, 1964); *Once*

¹³ Sublinhado meu.

Upon a Time in the West (Italian: *C'era una volta il West*, Sergio Leone, Itália/USA, 1968); *The Fountainhead* (King Vidor, USA; 1943) e *Atlas Shrugged* (Trilogia americana de ficção científica baseada numa novela de 1957), ambas as histórias de autoria de Ayn Rand; *It's a Wonderful Life* (Frank Capra, USA, 1946); e *The Hateful Eight* (Quentin Tarantino, USA, 2015). Reflectindo sobre “*The Strange Games of Dr. Strangelove*” o economista e activista social Jean Drèze contextualiza historicamente o filme de Stanley Kubrick, referindo a inspiração da personagem Dr. Strangelove na figura do engenheiro aeroespacial Nazi, Wernher von Braun (1912-1977), associado ao programa de desenvolvimento de tecnologia de mísseis, durante a II Guerra Mundial. Referindo-se aos limites da racionalidade e ao perigo da escalada de violência – nomeadamente nos jogos de guerra - que, na verdade, são uma constante na história da humanidade, Drèze, reconhece na narrativa do filme uma relação com a Teoria dos Jogos¹⁴, também convocada noutros ensaios deste livro. O autor destaca o modo como o filme representa de forma irónica e em tom comédico, justamente as questões da irracionalidade. Citando o Prémio Nobel (2005) e teórico dos jogos Robert Aumann, Drèze aponta bem os imponderáveis do comportamento humano e as suas consequências:

“O Homo rationalis é uma espécie mítica, como o unicórnio e a sereia. O seu primo na vida real, o Homo sapiens, é frequentemente guiado por impulsos psicológicos subconscientes, ou mesmo conscientes, que são totalmente irracionais; os instintos de rebanho desempenham um papel importante no seu comportamento; mesmo quando os seus objetivos estão bem definidos, o que não acontece com frequência, a sua motivação para os atingir pode ser menos do que completa; longe de possuir uma capacidade infinita de cálculo, é muitas vezes completamente estúpido; e mesmo quando inteligente, pode estar cansado, faminto, distraído, irritado, embriagado ou drogado, incapaz de pensar sob pressão, capaz de pensar apenas sob pressão, ou guiado mais pelas suas emoções do que pelo seu cérebro. E esta é apenas uma lista muito parcial de desvios do paradigma racional.” (Aumann apud Drèze, 2025, p. 174)

Para Drèze, este factor de irracionalidade no comportamento humano, representado no filme de Kubrick, é na verdade, um problema sério no contexto da estratégia nuclear, sendo mesmo duvidoso que “os jogos nucleares sejam hoje mais seguros, face ao aumento das tensões em torno da Coreia do Norte, Ucrânia, Taiwan, Caxemira, Ásia Ocidental e outros pontos críticos.” (p. 175). E sendo esta dinâmica política muito difícil de compreender, dada a sua complexidade, a virtude do filme *Dr. Strangelove or: How I Learned to Stop Worrying and Love the Bomb* é, justamente, a de nos

¹⁴ Cf. *Theory of Games and Economic Behavior*, Princeton University Press, 1944). A Teoria dos Jogos foi desenvolvida neste livro pelo Matemático e Físico John von Neumann (1903-1957) e pelo economista Oskar Morgenstern (1902-1977). Ver nota 11.

reconectar com uma dimensão humana que está longe de ser perfeita, deixando-nos um recado importante:

“*Dr. Strangelove* é [...] uma lembrança útil para as gerações futuras da insanidade dos tempos em que os líderes mundiais brincavam com o fogo da guerra nuclear global. Os riscos das apostas nucleares são ocultados ao público com alegações enganosas de que a “destruição mútua assegurada” (MAD) é uma garantia de segurança. [...] Os teóricos dos jogos estão em melhor posição do que a maioria para compreender e expor estes riscos. [...] Os defensores do desarmamento nuclear são frequentemente rejeitados como pacifistas idealistas, alheios às realidades mundiais. [...] Mas] o apelo ao desarmamento nuclear não é um afastamento da racionalidade; pelo contrário, é um apelo ao cultivo de uma forma superior de racionalidade – a racionalidade colectiva.” (p. 175, 176).

É, também, no plano das questões comportamentais humanas em matéria de desenvolvimento social e contexto político, que os autores Erez Ben-Akiva, Moshe Ben-Akiva, Ennio Cascetta e Emile Quinet, escrevem “*Once Upon a Time in the West: Transportation infrastructure and economic development*”, tendo como base o filme *Western Spaghetti* realizado por Sergio Leone, em 1968, *C'era una volta il West*. Os autores destacam, desde logo, o elevado impacto emocional da banda sonora, criada por Ennio Morricone (1928-2020), que marca claramente a paisagem americana dos Westerns e, em particular, este filme cuja estória se (con)funde, no mínimo, com a história dos caminhos-de-ferro e do desenvolvimento urbano. Tal como afirmam os autores: “*Once Upon a Time in the West*” representa vivamente uma mudança crucial na história dos transportes, nomeadamente a introdução de máquinas a vapor a substituir cavalos, e o advento dos caminhos-de-ferro. [...] A introdução da máquina a vapor trouxe mudanças muito significativas na sociedade e na economia, cumprindo plenamente a definição de revolução. Na verdade, esta é considerada a quarta revolução dos transportes, após mais de 5.000 anos de desenvolvimento evolutivo das três revoluções anteriores.” (pp. 181, 182) Esta forma de olhar para o filme, não como um simples objecto de entretenimento, mas como um documento que revela aspectos da história e economia de uma época, justifica, mais uma vez, as ligações possíveis – nem sempre evidentes para um espectador comum – entre uma arte (ainda que popular, no caso dos *spaghetti*) e as ciências e humanidades. Os autores concluem o ensaio com a seguinte afirmação: “Vários grandes filmes ilustraram os impactos sociais e económicos do desenvolvimento histórico da tecnologia dos transportes na sociedade moderna. Os filmes futuros, ainda por conceber, descreverão de forma semelhante os efeitos da revolução dos transportes que estamos a viver. Essa é a essência da arte de fazer cinema.” (p. 189) Um cinema-radiografia que revela não apenas os padrões comportamentais dos humanos em sociedade, mas também as (in)significâncias da vida quotidiana que se perdem nas narrativas maiores da história.

O ensaio seguinte, assinado por Robin Lindsey, sob o título “Philosophy and economics in *The Fountainhead* and *Atlas Shrugged*” é uma análise comparativa de um filme e uma mini-série, ambos baseados em novelas da escritora e filósofa americana de origem russa, Alice O'Connor (1905-1982), mais conhecida pelo pseudônimo Ayn Rand. As suas obras *The Fountainhead* (1943) e *Atlas Shrugged* (1957) foram adaptadas ao cinema dando origem ao filme *The Fountainhead* (King Vidor, USA, 1949), tendo como argumentista a própria escritora; e à trilogia de ficção-científica *Atlas Shrugged* (Parte I, Paul Johansson, USA, 2011; Parte II *The Strike*, John Putsch, USA, 2012; Parte III *Who is John Galt?*, J. James Manera, USA, 2014). Lindsey manifesta, desde logo, o interesse em estabelecer a relação entre economia e objectivismo a partir das narrativas dos filmes, mas contextualiza, explicando em que medida a filosofia de Rand contrasta com “as filosofias morais de Adam Smith, Hobbes, Spencer, Nietzsche, e o utilitarismo. [...] O objectivismo [de Ayn Rand] baseia-se na realidade, na razão e na natureza dos seres humanos enquanto espécie. A sua dimensão ética centra-se nos direitos individuais.” (p. 194) Lindsey cita a filósofa sobre estas mesmas questões:

“Existe apenas um direito fundamental (todos os outros são suas consequências ou corolários): o direito do homem à sua própria vida. A vida é um processo de ação autossustentável e autogerada; o direito à vida significa o direito de se envolver em ações autossustentáveis e autogeradas... o que significa: a liberdade de tomar todas as ações exigidas pela natureza de um ser racional para o apoio, a promoção, a realização e o desfrute da sua própria vida. (Este é o significado do direito à vida, à liberdade e à busca da felicidade.)” (Rand apud Lindsey, p. 195)¹⁵

Segundo o autor, em ambas as novelas o comportamento individual das personagens é retratado de formas que permitem identificar os princípios do objectivismo (eg. o parasita intencional ou inconsciente, o manipulador misógino, e o herói inovador, em *The Fountainhead*; os inovadores distinguem-se facilmente dos parasitas, saqueadores e outras personagens indesejáveis, em *Atlas Shrugged*). Os filmes são então analisados através de um diálogo entre as questões da economia e o modo como as acções e comportamentos das respectivas personagens reflectem níveis de “produção”, “interesse próprio”, “troca livre”, “ausência de altruísmo”, “preferências de consumo”, “comportamento do estado”, “lobbying”, “regulação”, etc. E, embora reconhecendo que o Objectivismo¹⁶ é mais uma filosofia ética do que um tratado de economia, Lindsey conclui que estas obras de Rand – e os filmes que as adaptam – veiculam um conhecimento filosófico, mas também económico, através de cenários e enredos tirados da vida real.

¹⁵ Cf. Rand, A., *The Virtue of Selfishness*, New York: Signet, 1961, p. 93.

¹⁶ Para uma maior compreensão da teoria de Rand ver: Ayn Rand. *Introduction to Objectivist Epistemology*, New American Library, 1979.

Sob o título “Stopping a bank run in *It’s a Wonderful Life*”, Romain Rancière, Professor Catedrático de Economia da University of Southern California, especialista em macroeconomia, finanças e economia urbana, encontra no drama clássico Americano de Frank Capra, realizado em 1946, um exemplo perfeito do fenómeno económico designado por “corrida aos bancos” que culmina frequentemente num processo de crise. Também neste filme, o enquadramento histórico é importante, e Rancière convoca, de forma exímia, esse contexto, estabelecendo paralelos com momentos cruciais de crises bancárias na América; “Os EUA têm vivido corridas aos bancos recorrentes desde meados do século XIX até à década de 1930, com crises bancárias sistémicas em 1873, 1884, 1893 e 1907. [...] (p. 214). Rancière convoca ainda *Mary Poppins* (Robert Stevenson, USA, 1964) e *Nine Queens* (Sp: *Nueve reinas*, Fabián Bielinsky, Argentina, 2000), filmes cujas narrativas ilustram bem a complexidade das crises bancárias e a proximidade da ficção com a realidade.

O último ensaio da quinta secção tem por título *The Hateful Eight*. Trata-se de uma reflexão de Patrick van Cayseele, sobre o filme homónimo de Quentin Tarantino, realizado em 2015. Cayseele teoriza sobre a “economia dos caçadores de recompensas”, considerando esta prática como antecessora das “Parcerias Público-Privadas (PPPs). [Isto é,] Quando os governos pensam que os agentes privados estão melhor posicionados para produzir bens ou serviços públicos do que o próprio governo, podem recorrer ao sector privado para atingir os objectivos predefinidos.” (p. 219). O autor salienta que, quando se fala de caçadores de recompensas, a tendência é para pensarmos nos filmes *western*, por exemplo. Mas, na verdade, esta é uma prática que ultrapassa largamente as fronteiras da ficção, e é mesmo muito comum na realidade; “[...] tanto em tempos de guerra como em momentos de paz, como ilustra um dos períodos mais negros da história holandesa [por exemplo]. Durante a Segunda Guerra Mundial, as forças de ocupação alemãs recompensaram 53 “caçadores de judeus” holandeses por terem entregue judeus escondidos.” (p. 221). Para Cayseele é muito claro que o filme de Capra permite compreender este e outros mecanismos da economia, como, por exemplo, a “teoria da escolha discreta” e respectivo modelo, ou a metodologia “Bayesiana”¹⁷ de persuasão, deixando ao leitor algumas recomendações em forma de lição aprendida sobre economia, entre as quais: “considere a distância como critério de escolha importante para muitas das suas decisões de compra; e obrigue as pessoas a falar consigo numa linguagem clara.” (p. 227).

A última secção do livro inclui um capítulo de um jovem economista - Rohit James Joseph - seleccionado num concurso realizado no âmbito do Prémio “Filmonomics Young Author”, e um capítulo assinado pelos editores do volume, na sequência de um desafio lançado por outro dos autores do livro. O texto de Joseph, sob o título “*Garm Hava: The economics of discrimination and other grim tales*” é uma

¹⁷ Cf. Para uma maior compreensão do alcance deste tema, em contexto, ver Jan Sprenger e Stephan Hartmann. *Bayesian Philosophy of Science. Variations on a Theme by the Reverend Thomas Bayes*, Oxford University Press, 2019.

reflexão sobre o filme *Hot Winds or Scorching Winds* (*Garm Hava*, M. S. Sathyu, Índia, 1973), na perspectiva dos valores, confrontando questões de exclusão social, identidade, estratificação económica, discriminação no mercado de trabalho e no acesso à habitação, democracia representativa, etc. O filme conta a estória de uma família Muçulmana – os Mirzas – num período histórico crucial: a divisão da Índia, em 1947. Uma das conclusões do autor é a de que uma leitura atenta do filme *Garm Hava*, à luz da economia política, produz um conhecimento legítimo sobre a marginalização social dos muçulmanos na Índia, questionando-se sobre quão importante é a representação destes temas no cinema, para a consciencialização pública do bem-estar [ou mal-estar...] de comunidades marginalizadas.

Finalmente, “*Coda – Algorithmic cinema*” é o último capítulo do livro escrito em co-autoria, por André de Palma e Luc Leruth. Os autores, também editores, fazem uma interpretação do filme *Coda* (Sian Heder, França/USA, 2021), a partir das questões da Inteligência Artificial no cinema. “*Does AI produce more art?*” é, talvez, a questão mais actual colocada pelos autores, senão mesmo uma das mais prementes, na medida em que assistimos hoje a um crescimento exponencial da utilização generalizada da Inteligência artificial, das ciências à criação artística, cinema incluído. De Palma e Leruth assinalam alguns dos perigos e limitações da AI, nomeadamente em termos de criatividade: “Quando se trata de representar um ser humano, o papel da IA limita-se a fazer com que o ator virtual corra de forma realista, por exemplo, e os dados requeridos pela IA vêm de inúmeros sensores captando os mais pequenos movimentos. Não mais. Uma representação profunda de um ser humano não é (ainda) uma possibilidade.” (p. 246) E, no caso do cinema, torna-se mesmo impossível recriar as emoções humanas em toda a sua complexidade. Ainda assim, os autores antevêm que o cinema poderá beneficiar, ainda mais, com os desenvolvimentos da AI, nomeadamente com a aplicação de algoritmos que podem produzir efeitos visuais, cenários, e diálogos capazes de prender a atenção do espectador e até mesmo desencadear emoções fortes. Mas acrescentam: “quanto a dizer que será uma grande arte, não comentaremos: a IA também reproduz frequentemente os mais grosseiros estereótipos e preconceitos humanos. Esta questão será objecto de discussões nos próximos anos.” (p. 246) E concluem que “criar ideias inovadoras ainda não é tarefa da IA, seja nos filmes ou na economia” (p. 247).

Filmonomics. Economists Discuss the Silver Screen é um livro denso com grande abrangência temática, e alguma complexidade teórica decorrente das teorias científicas convocadas. Neste contexto, tornou-se difícil abordar, detalhadamente e com justeza, todas os tópicos, num texto de simples recensão da obra. Procurei, por isso, destacar e mapear, apenas algumas das [possíveis] relações estabelecidas pelos autores, a partir das suas áreas científicas, com as narrativas do cinema enquanto “arte de contar histórias”. Trata-se, sem dúvida, de um livro que pode ajudar a iluminar o grau de realismo dos filmes, num momento em que o cinema contemporâneo mergulha, cada vez mais, na realidade e nas vicissitudes da vida.

Bibliografia

Bork, Robert H. *The Antitrust Paradox. A Policy at War with Itself*, Basic Books, 1978.

Neumann, John von e Morgenstern, Oskar. *Theory of Games and Economic Behaviour* (1944), Princeton University Press, 1953.

Rand, Ayn. *Introduction to Objectivist Epistemology*, New American Library, 1979.

Rand, Ayn. *The Virtue of Selfishness*, New York: Signet, 1961.

Sprenger, Jan Sprenger e Hartmann, Stephan. *Bayesian Philosophy of Science. Variations on a Theme by the Reverend Thomas Bayes*, Oxford University Press, 2019.